



## **Ensinar a fazer x ensinar a pensar<sup>1</sup>**

Roberta Cesarino IAHN<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Será que a formação universitária tornou-se pobre e mecanicista? Os cursos de graduação não oferecem nem instrumentais, nem conhecimento holístico para a formação profissional. A tecnologia e a especialização ganham destaque, mostrando o desdobramento da profissão em muitas atividades e a obrigação dos cursos universitários de acompanhar as tendências mercadológicas para responderem aos anseios dos jovens profissionais. Dois questionamentos surgem, então: E a formação para a cidadania? É possível pensar na universidade sem o obscuro direcionamento da educação para a formação de mão-de-obra?

**PALAVRAS-CHAVE:** universidade; comunicação; formação; professor; aluno

A universidade, hoje, é uma personagem em evidência nas sociedades desenvolvidas. Simpósios, seminários e muitas pesquisas acadêmicas colocaram-na no centro das discussões pela busca da autonomia e exercício da cidadania. Estas contribuições de pesquisadores da educação mostraram que a universidade, hoje, tenta refletir sobre como a sua próxima reforma será conduzida, passando por questões como formação dos professores, socialização da produção acadêmica, financiamento de pesquisas e principalmente, o entendimento sobre qual é o seu papel na atualidade.

Foi por meio da universidade que grandes revoluções sociais ocorreram e, talvez, venha a ser novamente por meio dela, que ocorra o grande debate sobre a busca do conhecimento e a formação e desenvolvimento humano necessários para o futuro. Em meio a sua “lógica de expansão” (SGUISSARDI, 2009, p.11), a universidade busca uma renovação e passa por um árduo momento de enfrentamento com seus próprios códigos.

Para Ildeu Coelho, ex-presidente do Comitê Pró-Formação do Educador e professor na pós-graduação em Educação na Universidade São Paulo, “desde suas origens, no início do século XIX, o ensino superior no Brasil esteve ligado à concessão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação durante o XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



de diplomas que possibilitam o exercício de uma profissão”. (GUIMARÃES, 2006, p. 43)

A sociedade brasileira percebe a universidade como o caminho para a profissionalização e a empregabilidade. Este entendimento fica distante, por exemplo, da questão essencial da educação difundida desde Jean-Jacques Rousseau; a participação cívica no processo de consolidação da democracia e da cidadania passa por uma importante participação educativa, citada por Licínio C. Lima, fundador do Instituto Paulo Freire de Portugal:

A educação popular retoma e reinventa a sua tradição crítica e transformadora, resistindo ativamente e criativamente ao seu enfraquecimento e a condição de um setor dócil e funcional. A própria cultura democrática construída no interior das organizações populares é indispensável enquanto cultura de resistência. (LIMA, 2007, p.69)

A universidade brasileira atualmente divide-se em duas estruturas: as públicas e as privadas. Contudo, o seu pensamento está mais estruturado a uma política neoliberal, condicionada a responder às necessidades mercadológicas. Para SGUISSARDI, 2009, p.215, o governo Lula manteve a condução da educação na esfera macroeconômica, sem qualquer reforma significativa, além dos controles burocráticos de avaliação e autorização de abertura de novas instituições.

A concentração de esforços foi dirigida ao acesso do aluno à universidade. Grande incentivo foi dado às universidades privadas para a absorção destes alunos por meio de programas como ProUni.

A crise existe e são muito profundas as marcas de um sistema universitário, no Brasil, caracterizadamente neoprofissional, em que mais de 90% das instituições se identificam como instituições ou universidades apenas de ensino. É forte a tendência de que mesmo as universidades que desenvolverem traços nítidos de pesquisa, tendo em vista a penúria das verbas e os baixos salários, estejam se tornando universidades heterônomas, isto é cuja a agenda de pesquisa e de criação de novas carreiras obedeça cada vez mais a interesses externos vinculados a prioridades de mercado. (SGUISSARDI, 2009, p.228 e 229)

Representante do rigor e da formalidade do saber, a universidade brasileira perdeu sua identidade com a queda do modelo autoritário herdado pelos militares e religiosos que conceberam os primeiros modelos de escola e métodos de aprendizagem no país. Ao mesmo tempo, com o desenho da política neoliberal na educação, a universidade brasileira acabou por ganhar as características funcionais de uma “educação bancária



considerada alienante e opressora, com racionalidade técnico-instrumental”. (LIMA, 2007, p.17)

Uma nova inspiração faz-se necessária para alimentar a reflexão sobre os fazeres do ensino. Este embate poderá transformar o nosso modelo universitário atual, um tanto esquizofrênico, dividido entre o rigor e o diálogo, a formalidade e a improvisação, a formação e a profissão, sem clareza de seus objetivos. Para Paulo Freire: “inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se torna capaz de recriar ou de refazer o ensinado”. (FREIRE, 1996, p. 26)

Para o Peter Drucker, referência em estudos de estratégias políticas e econômicas, o que estamos chamando de revolução da informação é, na verdade, a revolução do conhecimento. Para ele, apesar de assumirmos a tecnologia como o caminho para a conquista da liderança econômica e social e, muitas vezes, colocá-la no centro da discussão do ensino superior, é a ciência cognitiva, que traçará o desenvolvimento da “nova sociedade”. A educação teria como propósito ocorrer por toda a vida para a renovação natural das gerações e do conhecimento que “transformou-se no recurso-chave, e o único escasso”. (DRUCKER, 2002, p. 181)

Esta necessidade de ampliar os campos do conhecimento é defendida também por Edgar Morin como um olhar para educação na era planetária. Para o filósofo, a educação não enxerga o “gênero humano” com um destino planetário, despreparado para lidar com as incertezas, o imprevisto e o inesperado. Em *7 Saberes necessários para educação do futuro*, Morin afirma: “o conhecimento permanece como uma aventura para qual a educação deve fornecer apoio indispensável”. (MORIN, 2000, p. 31)

Há uma evidente dificuldade na transmissão do conhecimento para o filósofo, pois para ele a educação não enxerga o que é o conhecimento humano, impedindo-o de compreender os problemas globais, já que privilegia o saber fragmentado, segundo o qual o próprio homem não é compreendido como um ser complexo: físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Morin aponta que a educação desintegra a totalidade do homem por meio de disciplinas, impedindo a condução de métodos que permitam às partes estabelecerem relações com o todo.

As ideias deste filósofo, um dos mais importantes do século XX, são coincidentes com a criação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – CDS/UNB, que buscou trazer à universidade o pensamento em torno da complexidade dos problemas contemporâneos. Morin foi convidado a participar de uma



mesa redonda em junho de 1999 para inaugurar a publicação *Ideias sustentáveis*, organizada pelo CDS, oportunidade em que ele considerou:

A diversidade é uma pluralidade de possibilidades. Tudo significa reaprender a aprender. Reaprender é o mais difícil, aprender é fácil. O educador deve educar a si próprio. Reeducar a si próprio significa sair de uma minoria, significa que os educadores sentem a necessidade do problema e, como desviantes, vão ajudar outros educadores a mudar. (MORIN, 2004, p. 54)

O desafio atual está na relações entre professores e alunos. Todo o restante são regras e obrigatoriedades burocráticas que roubam o espaço da verdadeira dúvida: como transformar um ato tão pouco natural, o educar, em um ato que ajude na reflexão, na compreensão e na interação entre as pessoas, os quais, a partir da construção do conhecimento, poderão exercer suas ideias com liberdade, responsabilidade e criatividade?

Este saber superespecializado a que Morin se refere, provoca em algumas universidades brasileiras a revisão dos currículos de seus cursos em períodos de tempo bastante curtos. Na área de comunicação, este movimento ocorre normalmente quando a defasagem tecnológica fica evidenciada ou pela infra-estrutura da escola ou pela dificuldade de contratar professores com domínio nas últimas linguagens de softwares.

O reducionismo da educação está em questões como nomenclaturas de disciplinas, afrouxamento da carga horária e um pouco de entretenimento no campus universitário, principalmente nas universidades particulares, onde há o agravante do aluno posicionar-se como um cliente, que paga para receber um serviço, mas que pouco sabe sobre ele.

De fato, a hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até mesmo tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. (MORIN, 2000, p. 39)

Todavia, sabemos que a educação é viva, reage às mudanças do tempo e de seus interlocutores. Trabalhar com a educação aponta-nos diariamente que somos sensíveis. Mas, entendemos às causas reais do desligamento entre professores e alunos? Somos protagonistas da discussão sobre a educação na qual acreditamos e que podemos empreender?

Cumprimos diretrizes, distribuímos métodos e sofremos a crítica do tempo. Contudo, precisamos assumir que a mudança está nas mãos de quem constrói a



relação do saber, do conhecer e do criar. Se professores deixam de criar e acreditar no conhecimento pela relação com o outro, acabam por entregar a burocratas o caminho da universidade para os novos tempos.

Os professores discutem, como observadores, as prováveis causas do desinteresse pela educação formal, permitindo que a questão do saber seja normatizada e espancada por um país que não acredita na educação como meio transformador.

Para a filósofa e professora Viviane Mosé, em palestra no Sinpro - Sindicato dos Professores de São Paulo, publicada no boletim on-line 391, em fevereiro de 2011, nós sofremos de uma educação que afastou o pensamento e a reflexão da escola, que se tornou um lugar de reprodução do estabelecido e de acúmulo de dados. Para ela, a tecnologia, como memória externa, trouxe-nos como presente esta possibilidade de acúmulo, deixando para o nosso cérebro o vazio, libertando a nossa memória e que deveria ampliar a nossa capacidade de pensar.

### **Viver o presente para construir uma nova rede de conhecimento no futuro**

Os números do último Censo 2009 da Educação Superior, produzido pelo INEP, aponta-nos um mapa da universidade no Brasil: as matrículas cresceram 3,8% em um ano e o número de estudantes chegou a 5,95 milhões. As instituições privadas são responsáveis por 74,4% das matrículas, com 4,43 milhões de alunos. Nas universidades públicas houve redução de cerca de 30 mil matrículas e o total caiu de 1,55 milhão para 1,52 milhão. Estes números incluem os estudantes de cursos presenciais e a distância.

Ou seja, quando falamos do desafio da universidade brasileira estamos abordando uma questão clara de economia de mercado privado. Ao Estado restou a posição de avaliador, permitindo que as universidades particulares organizem-se ao espelho das empresas privadas, reduzindo custos, buscando a competitividade e, principalmente, estabelecendo as suas próprias regras. Neste cenário o professor é, então, um sobrevivente.

Segundo os pesquisadores do *Observatório da Educação*, não ocorreu uma real valorização do docente no país. Os professores continuam recebendo os piores salários quando comparados com profissionais de outras áreas com a mesma formação e a mesma jornada.

Publicado pela revista *Exame*, em 17/07/1996, edição 0614, o estudo sobre o processo asiático de desenvolvimento, realizado por Jim Rohwer, autor do best-seller



*Asia Rising*, aponta diferenças consideráveis no investimento em educação entre países como Coreia do Sul e Brasil. Cito este exemplo aqui, pois o modelo educacional da Coreia e seu efeito na recuperação do país é amplamente citado na mídias especializadas em educação e economia.

Para Rohwer, ex-correspondente do jornal *The Economist*, em Hong Kong, a principal diferença no investimento em educação dos países da América Latina para os países asiáticos é que, no caso do Brasil, por exemplo, a ênfase do investimento foi para a universidade. Já a Coreia do Sul favoreceu a educação fundamental, considerada “universal, obrigatória e gratuita.”

O autor aponta que apenas 10% do investimento coreano em educação vai para a universidade. Um dos objetivos é garantir a presença maior de estudantes de origem humilde na universidade pública, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde a universidade pública é dominada por alunos oriundos das escolas particulares. (Fonte: *Universia*, fevereiro de 2011)

Outra curiosidade é que em 1950, apenas 13% da população da Coreia do Sul era alfabetizada. Em 1965, praticamente a totalidade da população já sabia ler e escrever. Segundo um dos mais respeitados pesquisadores brasileiros na área de educação, o professor Heraldo Vianna, da Fundação Carlos Chagas, a Coreia do Sul conseguiu um ensino de altíssima qualidade “pela influência do confucionismo, que valoriza a educação e o comprometimento familiar no acompanhamento e reforço ao aprendizado dos filhos. No Brasil, há a crença quase que generalizada de que a tarefa de ensinar e educar compete exclusivamente à escola.” (Revista *Exame*, 17/07/1996, edição 0614)

Após 15 anos da publicação da matéria da revista *Exame*, continuamos com centenas de vestibulares espalhados pelo país que mostram uma corrida de jovens, realmente com pouca idade, atrás de uma profissão, perante seus pais e a sociedade – a escolha do ofício eterno, que lhe garantirá sucesso e riqueza. Nossa escola básica vem enfrentando desafios, mas ainda é bastante fraca.

A mesma revista *Exame* publicou, em 15/12/2010, edição 0982, a matéria intitulada *O país do Bê-á-bá*, na qual apresentava a pesquisa da consultoria McKinsey, que busca entender como os sistemas escolares mais aperfeiçoados do mundo continuam a melhorar.

O curioso é que, em 2006, Minas Gerais apresentou um resultado constrangedor. De 260.000 alunos pesquisados, apenas a metade demonstrou domínio adequado de



leitura. Na mesma pesquisa, em 2010, o Estado de Minas teve 86% dos 330.000 estudantes avaliados com desempenho adequado.

Minas Gerais foi um exemplo na alfabetização infantil no Brasil, que, após ampla reforma na gestão da educação, conseguiu um salto considerável para os padrões brasileiros. Segundo a UNESCO, cerca de 1/3 dos brasileiros não é capaz de ler além de palavras e frases soltas. Alguns deles chegam às universidades que não estabelecem critérios ou exames de seleção para o ingresso no ensino superior.

A reforma de uma nova universidade passaria pela discussão de sua atuação no passado, mas com a perspectiva de construir um novo pensamento, menos acumulativo e mais sensível, que permitisse ao país remodelar as suas estruturas gerais da educação, apresentando um plano real e consistente para o futuro das novas gerações.

Para MORIN, a reforma do pensamento somente será possível se a escola permitir-se refletir sobre este assunto, enfrentando seus “saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais transversais, globais e planetários”. (MORIN, 2004, p.13) As doses de conhecimento ajudaram a universidade a perder a noção do seu papel perante as cobranças de uma educação profissionalizante e incapaz de englobar, abstrair e articular.

Para ASSMANN, “a história humana entrou numa virada sem precedentes” (1998, p.17), pois as tecnologias e a velocidade de informação fizeram o mundo sair de uma concepção analógica para uma efervescência digital, alterando as mentes, as visões e as relações, democratizando a informação e a experiência, derrubando a sacralidade do saber. Com este novo desenho, a sociedade passa a viver num rito de passagem, buscando formas para eliminar as tantas situações de exclusão.

A recente crise econômica colocou à prova os mais diversos modelos e ideologias. Tanto o modelo europeu, como o modelo norte-americano mostraram-se insuficientes em suas origens sócio-democratas ou neoliberais. Desta forma, a educação foi mais uma vez chamada para responder a questões como empregabilidade e adequação cultural, sempre com a angústia de responder ao futuro, sendo que, no presente, vive uma complexa luta entre as suas contradições.

Não deixamos de considerar a educação importante para a questão do emprego nos dias atuais, mas não devemos atribuir a ela esta única ou principal responsabilidade. A escola em geral, da infantil à universitária, como transmissão de saber e formação do homem, terá de descobrir caminhos para lidar com o novo, o jovem e o diferente, em



mais uma tentativa de se reinventar perante as transformações da vida, que superam os rigores científicos.

Teixeira Coelho, professor da Escola de Artes da Universidade de São Paulo, ex-diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e curador chefe do Masp aponta o ensino superior atual como:

Uma tentativa de familiarizar o aluno com algum campo profissional, provocá-lo a estudar e esperar que, por algum esforço autodidático e pela prática, se faça, um dia, um profissional. Dentro dessa filosofia, estabelecemos a “liberdade” de ensino, tornando o direito de abrir escolas um direito individual e, na esfera pública, a política de que se expande o ensino pela criação de outra escola e não pelo crescimento da escola existente. (COELHO, 1998, p.171)

A reforma da educação superior não está assimilando que o jovem sente falta do conhecimento e da informação, independentemente de seu formato. Uma das reclamações mais recorrentes em salas de aula da graduação e dos cursos de especialização da conta de que o aluno, tenha ele 17 ou 30 anos, sente-se um analfabeto, inculto e ultrapassado, não importando se está formalmente matriculado em algum curso ou escola específica.

É uma determinação pelo conhecer que supera a questão do tempo e da tecnologia. Ela é real porque esta pessoa não se sente capaz e motivada a descobrir e a pensar possibilidades diferentes, mas anseia por isto, pois de alguma maneira acreditou na educação como forma de romper barreiras.

Na contramão do que acreditamos ser a universidade, nossos alunos mostram-nos diariamente que não conseguimos tocá-los e, sem esta emoção da relação, não somos entendidos e não entendemos o outro. Falta-nos reflexão sobre o nosso fazer, sobre qual é o nosso papel transformador na busca do conhecimento e da experiência.

Os professores podem adiantar-se neste levante para a mudança da universidade e do ensino superior, pois são talvez os que mais estejam preparados para conviver com o risco, mas precisam assumi-lo “É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo” (FREIRE, 1996, p.34): este pensar certo está na busca da argumentação e da discordância. Não se pode permitir que o medo do enfrentamento e do erro na experiência desarticule o coração da escola e dos professores.

Considerando que o professor é um mediador por essência, ele precisa estabelecer amplas relações entre os alunos e os outros professores para que a comunicação seja discutida como um todo e não por fragmentos e pequenos saberes.



A aprendizagem mediada existe desde os tempos em que os grupos sociais primitivos começaram a transmitir sua herança (costumes, hábitos, maneiras de pensar) às gerações futuras, com a intenção de garantir a continuidade e a sobrevivência do indivíduo no grupo.

Esse processo cultural tem duas dimensões: conteúdo da herança, isto é, o conjunto de informações e experiências transmitidas de uma geração a outra, e a aprendizagem mediada, que se refere aos princípios de modificabilidade e de aprendizagem.

A mediação da aprendizagem não depende do nível da linguagem ou do conhecimento de uma determinada cultura, mas da qualidade da interação entre mediador e mediado.

A falta de mediação traz como consequência direta a rigidez do pensamento, caracterizada pela dificuldade de expansão de esquemas mentais, uma função essencial para se enfrentar novas situações. (SOUZA, DEPRESBITERIS & MACHADO, 2004, p. 61 e 62)

Com a mediação prejudicada todo o processo de aprendizagem pode ser sabotado e o resultado desta inabilidade de troca é um grande abismo entre professores e alunos. Faço referência a Luiz Carlos Restrepo, educador colombiano que desenvolveu o conceito da Ecoternura: é desburocratizar o conhecimento, convertendo a sua produção e conservação numa prática de autogestão.” (RESTREPO, 1998, p. 84)

Neste conceito, guardar o que não vai ser usado, deixar de compartilhar a informação, já que o conhecimento está no lugar da interação e da construção conjunta. A “simbologia guerreira”, para RESTREPO, chegou ao fim em todos os sentidos, principalmente na educação. O professor não será mas o sábio e o detentor das regras, mas aquele que saberá reconhecer e entender as diferenças, a existência de conflitos, trazendo nova possibilidades para as relações além das paredes da sala de aula.

Jovens adquirem informações variadas, muitas vezes antes do professor que encontrará na aula. Este fato não é um problema, mas uma solução não aproveitada e transvestida de ameaça. As fontes dos alunos podem ser as mesmas que as nossas, ou não, o que importa é saber utilizar esta facilidade de obter a informação como uma forma de busca pela verdade.

Ao contrário do que poderia ser, muitos professores sentem-se ameaçados nesta troca, trancam-se em seu universo isolado de saberes e não permitem que o aluno também tenha a sua própria fonte de conhecimento, ignorando a sua capacidade de pesquisa e interação, na maioria das vezes com o argumento de que sua capacidade analítica é superficial.



Somos influenciados o tempo todo por novos raciocínios, intuições, deduções e conhecimentos. Assim, a cognição e o raciocínio transformaram-se, pois os dispositivos tecnológicos que nos afetam produzem novas formas de conhecimento, através dos quais estamos sendo contaminados o tempo todo. Desse modo, essa processualidade na mutação de saberes, produzidos por meio da escrita, vem implicar uma reavaliação: para que servem os saberes veiculados e produzidos na escola, na universidade? (SPEROTTO, in *Tecnologias da educação*, 2006, p. 96)

Para o professor, é complicado administrar aulas para um todo, ignorando as características pessoais dos alunos. São muitas pessoas reunidas em condições pouco propícias para o contato e proximidade. Porém, um professor também sente-se estimulado a buscar formas para atrair e motivar aqueles que sinalizam para possibilidade de troca, acenam para o acolhimento de outra forma de pensamento. Nosso cotidiano pede interações, mas ao mesmo tempo não conseguimos interagir com todas as possibilidades com que cruzamos, pois nossa estrutura ainda é rígida.

Ora, o futuro nasce do presente. Isto significa que a primeira dificuldade de pensar o futuro é a dificuldade de pensar o presente. A cegueira sobre o presente nos torna, ipso facto, cegos em relação ao futuro (MORIN, 2010, p. 13)

Por isso, ao pensarmos na universidade e em sua possível transformação, sentimos toda a dificuldade de torná-la mais próxima e preparatória para vida em nosso presente, no cotidiano da sala de aula. As relações no ambiente acadêmico tornaram-se cada vez mais duras, mesmo com fuga do real enfrentamento.

Precisamos abrir nossas mentes para entender o que hoje já é fato e que nos obriga a pensar em diferentes formas de levar o conteúdo e estimular o aprendizado, fortalecendo os laços com um desenho de futuro que garanta flexibilidade e capacidade de reação ao jovem em formação.

Independentemente das obrigatoriedades que a universidade se impôs em relação ao mercado, ela tem por obrigação essencial preparar pessoas para o futuro, além da profissão escolhida. Este fato é fundamental para qualquer atividade profissional, que terá na academia a crítica às práticas urgentes, que tanto danificam o cotidiano das relações e até mesmo o futuro ético da própria atividade.

### **O aluno, a tecnologia e o estímulo a criatividade**

Pesquisadores da neurociência atestam que o cérebro tem uma capacidade



acumulativa e seletiva para filtrar as informações que recebe. “Algumas partículas de informação chegam até o armazenamento de longo prazo – em outras palavras, a Memória –, mas a maior parte se tornará entulho irrelevante, renegado ao esquecimento”. (LINDSTROM, 2009, p.12)

Aguerridos a esta afirmação, grande parte dos docentes justifica que as mudanças dos últimos tempos trouxe superficialidade aos conteúdos e que a universidade não poderá ceder aos encantos da tecnologia dentro das salas de aula. Porém, assistimos a situações bastantes diferentes destes argumentos. Nossos alunos não estão clamando simplesmente por equipamentos tecnológicos mais eficientes, eles estão nos apontando para um raciocínio diferenciado que poderá mudar a nossa visão de aula, escola e aprendizado.

Muitas vezes o professor se coloca na postura de que sabe tudo e o problema é do aluno, se ele quer aprender ou não. O excesso de informação também gera muita ansiedade no estudante, que pode não ver utilidade no que está sendo ensinado, daí o desinteresse. Por isso, os professores devem refletir sobre a relação de conteúdo a ser ministrado e as competências que ele quer desenvolver. (ANDRADE, Revista *Ensino Superior*, 2010, p.40)

Convivemos com uma geração que é individualista e sabe buscar as suas fontes de informação. Ela tem meios para isso, entende a linguagem tecnológica porque a cria, foi alfabetizada com ela e não a enxerga como algo separado de todos os outros recursos que ela possa utilizar para se comunicar.

É quase incompreensível para um jovem entre 18 e 24 anos que alguém não entenda que ele pode assistir a uma aula e responder seu *e-mail* ao mesmo tempo. Ou melhor, que possa comentar algo que pensou durante aquela aula no *Facebook* e travar ali um diálogo com seus pares, se realmente assim ele quiser que aconteça.

Fica mais difícil ainda ele entender que o professor, aquele que irá ensiná-lo o que é preciso aprender, não divida outros espaços com ele que não a antiquada sala de aula. Para ele, se o professor realmente é uma pessoa do saber, deterá várias formas de informação e comunicação.

Nos estudos de consumo, um recorte no público jovem revelou uma faixa entre 18 e 24 anos que se mostrou muito revolucionária em todos os sentidos. O mercado, infelizmente, muito mais rápido do que a universidade, compreendeu as características e diferenciais deste público. Temos até uma agência de pesquisa de tendências chamada *BOX 1824*, especialista no perfil de comportamento e consumo deste público:



A partir do material coletado por esta rede de pesquisadores (que quase sempre têm o perfil do pesquisado) são formadas bases de dados que detectam quais serão os possíveis rumos do comportamento e do consumo em um futuro próximo ou em um presente não muito distante será moda. A internet é a principal ferramenta de comunicação (e muitas vezes a única) entre a rede de pesquisadores e a Box1824. (YONAMINE, site *Criatividade com visão de negócios*, consulta em 26/09/2007)

Todas as oportunidades de consumo são para eles. Mas, nem todas as oportunidades da vida acompanham esta oferta de possibilidades que se pode comprar. O público que parece estar no melhor momento da vida teme não ser bom o bastante, não ser inovador e criativo, não conseguir se estabelecer para consumir o que lhe oferecem e teme muito ser uma pessoa normal, mais um na multidão.

Portanto, a primeira grande angústia da maturidade está na escolha da profissão. Ela parece ser a chave para levá-lo a todos os seus desejos e sua família acredita que realmente neste momento ele estará traçando as linhas de seu destino. Daí para frente ele tem uma missão a cumprir: ser uma pessoa de sucesso.

Estar na faculdade não é mais uma conquista, é o caminho para o carro, para as viagens, para um estilo de vida próprio, para a sua verdadeira independência, pois de uma certa forma ele já é bastante independente. Escolhe suas roupas, seu celular e seus amigos, ignorando a interferência familiar. Aliás, esta geração acredita que os pais e, em segundo lugar, a escola, têm toda a obrigação de fazê-los felizes.

Os pesquisadores de tendências observam comportamentos de pessoas e, principalmente, a correlação que estes comportamentos causam, ou seja, buscam acompanhar o quanto um interfere na escolha do outro. Sendo assim, o jovem é o multiplicador de percepções e comportamentos que serão aceitos, multiplicados e transformados por tantas outras pessoas.

Esses pesquisadores são observatórios que nos ajudam a interpretar estes movimentos comportamentais que são, na realidade, movimentos culturais abrangentes que se espalham por todos os continentes. Francesco Morace, jornalista e presidente do *Future Concept Lab*, de Milão, em sua última pesquisa de tendências, contou com uma equipe de cinquenta correspondentes em cerca de 40 países, entre eles o Brasil, para observar e anotar o cotidiano de fenômenos culturais e comportamentais em jovens espalhados por todo mundo, mas que apresentavam tendências globais em suas manifestações.

A análise sociológica desta pesquisa mostrou que a instabilidade é a regra do jogo



contemporâneo. E momentos de crise revelam um material puro de anseios e dúvidas que nos permitirá ler e interpretar a mente desta geração, que está conectada, em rede, trocando informações e criando uma nova maneira de enxergar o mundo: “o motor que move o indivíduo contemporâneo não para de funcionar. Nosso *homo sapiens* continua em evolução: desejando, provocando, aceitando, impondo...” (MORACE, 2009, p.7)

Mudança de comportamento entre as gerações não é novidade alguma. Mas, a nossa miopia pode nos enganar exatamente por acreditarmos que estes movimentos são cíclicos e semelhantes. Ao aceitarmos isso, esquecemos do acúmulo e das transformações ocorridas no último século, que jamais ocorreram em outro momento da história.

A informação, a comunicação, a tecnologia e a interatividade modificaram ineditamente nossa percepção de tempo. A velocidade destas mudanças não foram paulatinas. Elas modificaram a maneira de pensar e vivenciar as experiências do mundo. São menos elitistas e penetraram nos mais diversos tipos de sociedade.

Segundo CASTELLS, (1999 introdução): “nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade.” Para o autor, a revolução da tecnologia da informação introduziu um novo modelo – a sociedade em rede, que tem como característica principal a globalização das atividades econômicas, a flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra.

Pelo estímulo da mídia, o virtual passa a ter uma impressão de real: “onipresente, interligado e altamente diversificado”. Assim, o conhecimento torna tudo mais simples, deixando o problema exatamente para a angústia do aprendiz.

Buscamos neste labirinto de possibilidades mapear e interpretar os sentimentos e expectativas de nossos alunos, que esperam, ao cruzarem nossos caminhos, trocar experiências que lhes sejam interessantes, mas dentro da realidade e com o ferramental e linguagens que eles utilizam. Quando nos recusamos a fazer parte desta rede, quebramos o diálogo e qualquer possibilidade de interação e conhecimento.

A questão está na forma como buscamos esta interação. Nossas experiências precisam encontrar caminhos para o relacionamento e o entendimento do aluno, desde que a compartilhemos verdadeiramente. Precisamos também permitir que o individual ganhe nossa atenção, os aspectos emocionais e afetivos interferem no aprendizado: “pode ajudar no desenvolvimento das capacidades de gerir uma alteridade solidária e fundar, em cooperação, uma nova sociabilidade” (WARSCHAUER, 2001, p. 125)



A tecnologia permite muitas formas de interação e não podemos desperdiçar a chance de nos relacionarmos com conteúdo e muitas outras pessoas além do nosso círculo. Unir a interatividade com a nossa experiência e conhecimento será a forma de revisar a sala de aula e seu papel na universidade hoje: “os professores devem entender que há melhores maneiras de fazer o que eles já vinham fazendo com a ajuda da tecnologia.” (ANDRADE, Revista *Ensino Superior*, 2010, p. 42)

O repertório do aluno poderá realmente se fortalecer se ele tiver com quem trocar esta experiência em multiplataformas. O processo criativo poderá acontecer com naturalidade no momento de formação deste profissional. A comunicação é estratégica e criativa. Para isso ela precisa respirar os movimentos culturais e cotidianos. Em salas de aula fechadas, discutindo movimentos sociológicos passados, dificilmente um jovem consegue captar e se interessar pelo conteúdo que será o seu alimento. Por consequência, também não saberá valorizar a sua formação e defender seu conhecimento multicultural como um diferencial.

Em qualquer ato comunicativo temos a relação com o outro e com as tradições. Porém, são as relações que permitem a mobilidade, as intersecções culturais e as manifestações dos sujeitos. Também é por meio das relações, que as influências e trocas se estabelecem. Importa incentivar a busca por novos espaços e atores para a interatividade: é um caminho real perceber o outro e estabelecer uma nova rede de conexões que questione as normas em detrimento ao saber.

Pensar a educação universitária é um desafio para professores e alunos que precisam eliminar as burocracias regulatórias para transformar esta realidade. Isso significa expor-se, permitir que a opinião ultrapasse os limites do tolerável para poder expor as feridas de uma estrutura inerte.

Por mais que seja uma utopia a busca da educação para cada aluno, a sociedade digital permite que a interação seja próxima, real e constante. Nesta condição, professores e universidades analógicas não apresentam condições de mediar qualquer forma de saber, e tornam-se meros expectadores de uma nova sociedade que, por meio da tecnologia, da informação e da criatividade irá encontrar novos caminhos para a sua sobrevivência e liberdade.



## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 2ª 15d. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- COELHO, Teixeira. *Guerras culturais: arte e política no novecentos tardio*. São Paulo: Iluminuras, 2000
- DRUCKER, Peter. *A administração na próxima sociedade*. São Paulo: Exame/Nobel, 2002
- FIGUEIREDO, Rose. *Comunicação, tecnologia e educação: interfaces das novas tecnologias na relação ensino-aprendizagem*. São Paulo: Independente, 2006
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GUIMARÃES, Valter Soares (org). *Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da universidade*. Campinas: Papirus, 2006
- LIMA, Licínio. *Educação ao longo da vida: entre a mão direita e esquerda de Miró*. São Paulo: Cortez, 2007
- MORACE, Francesco (org.). *Consumo autoral: as gerações como empresas criativas*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2009
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários para educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000
- \_\_\_\_\_. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, repensar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
- SGUISSARDI, Valdemar. *Universidade brasileira no século XXI: desafios do presente*. São Paulo: Cortez, 2009
- SOUZA, Ana Maria Martins de Souza & DEPRESBITERIS, Léa. *A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein*. São Paulo: Senac, 2004
- WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

## Reportagens:

- Revista Ensino Superior, 2010, edição 142
- Revista Exame, edição 0614 – 17/07/1996
- Revista Exame, edição 0982 – 15/12/2010

## Site:

- Criatividade com visão de negócios - <http://comunicandodesign.wordpress.com/tag/tiago-yonamine/>
- Observatório da Educação - <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/>
- Portal Inep - <http://www.inep.gov.br/>
- Sinpro - Sindicato dos Professores de São Paulo, publicada no boletim on-line 391, em fevereiro de 2011 - <http://www.sinpro.org.br>
- Universia - <http://www.universia.com.br/>